

Andorinha salangana e o seu ninho

Esta avesinha, de costumes tão doces como os d'essa sympathica hospede que todos os annos, deixando o solo de Africa, sua patria, nos vem visitar logo que a primavera começa a cobrir os prados de flores e a vestir as arvores de nova folhagem, vive na India, nas ilhas Filippinas, na China e no Japão.

Não obstante a sua pequenez e a modestia das côres da sua plumagem, que apenas é branca e cinzento escuro, quasi preto, esta ave alimenta, nos paizes que habita, um ramo importante de commercio. É tão apreciado e valioso é o genero que a pobresinha produz, que se poderá talvez affirmar que nenhuma das grandes aves, que a natureza dotou de plumas formosas e ricas, offerece ao homem despojos mais preciosos.

E quem poderá imaginar que esse genero, a que se liga tanto apreço e tamanho valor, consiste apenas nos tenues e pequeninos berços que a andorinha salangana fabrica para criação dos seus tenros filhinhos? Todavia assim é, pois que n'aquellas vastas regiões, onde a Providencia accumulou infinitas e variadas riquezas, e onde o luxo se ostenta infrene, não se conhece sopa mais delicada que a de ninhos de salangana; nem é tido em conta de verdadeiramente saboroso manjar algum em que não entrem, na composição do môlho, algumas particulas dos mesmos ninhos.

A salangana faz os ninhos pegados aos rochedos. A fórma d'elles é a de uma concha. Um, que possuimos ha tempos, tem apenas nove centimetros de comprimento e cinco de largura. É feito de uma substancia mui parecida na côr com a gomma de que usam as engommadeiras; na consistencia, bem como no modo de lascar, parece-se com a cera; e na fragilidade com o vidro.

Como primeira preparação, antes de serem cozinha-

dos, é mister separar dos ditos ninhos, quando a substancia d'elles não se acha em toda a sua pureza, alguma materia estranha, que ás vezes está adherente aos mesmos, como por exemplo terra, ou qualquer febrasinha de palha. Ignorâmos, porém, como se faz essa operação.

Não está ainda averiguado, que nós saibamos, qual seja a substancia de que esta ave fabrica o seu ninho. Bontius, medico dinamarquez, que viveu no seculo XVII, e residiu durante alguns annos em Java, foi o primeiro observador que deu alguns esclarecimentos a este respeito. Refere elle que na primavera começam a apparecer nas costas do mar (nos paizes acima mencionados) umas andorinhas pequenas, que vem do sertão para fazerem seus ninhos nos rochedos que bordam as praias; e que na orla, que as marés deixam na areia, acham aquellas aves a espuma que as ondas depositam, então transformada n'uma especie de gomma ou grude, da qual se servem para a construcção dos seus ninhos.

Pretendem outros que essa materia seja ovas, que certos peixes pequeninos depositam junto da praia, e que as marés deixam em sêcco. Ha tambem quem assevere, seguindo a opinião de Rumphio, que as andorinhas salanganas tiram a materia de que constroem os seus ninhos de uma planta que nasce nas praias indianas, e a que chamam planta de coral, em razão da disposição dos seus troncos, que lhe dá muita similhança com o coral. É uma planta de pouca altura, e que se ramifica muito. Os seus multiplicados troncos são mui tenues, delgados, molles, quasi transparentes, e contendo uma especie de gelatina. Cria-se esta planta nas fendas das rochas sobranceiras ao mar, e tambem na praia, ás vezes em sitio que as ondas cobrem na maré cheia. Diz o auctor citado, que as plantas que se encontram n'esta ultima situação podem ser comidas cruas, e são gostosas. Julga, portanto, que é esta a materia primeira de que a salangana fabrica o seu ninho.

Não falta, porém, quem contrarie esta opinião, declarando, como resultado de observações nas proprias localidades frequentadas por estas aves, que nos logares onde mais acodem a fazer os seus ninhos não se encontra similhante planta, em quanto que abunda em outros sitios, onde poucas ou nenhumas andorinhas apparecem. Dizem outros viajantes, que observaram de perto estas aves, que a substancia dos ninhos é produzida pelas proprias aves, e provém dos tubos membranosos, que lhes são particulares.

O que se deve concluir, pois, d'esta diversidade de opiniões de individuos que tem visitado aquellas paragens e analysado os ninhos com espirito investigador, é que ainda não está descoberto este segredo de modo que não admitta dúvidas.

Em quasi toda a Asia se apreciam e pagam por bom dinheiro estes ninhos, principalmente nas possessões inglezas da India, onde não ha jantar opiparo sem que appareça, pelo menos, uma terrina d'essa saborosissima sopa, que para custar trinta libras é mister que não seja avultado o numero dos convivas.

Nos mercados da China, sobre tudo em Cantão, é uso venderem-se estes ninhos, quando são da melhor qualidade, pelo que pesam em prata. Mas o preço regular por arratel é de vinte e seis a trinta mil réis. Os melhores são os mais brancos e diaphanos. O peso de cada um, commummente, pouco excederá a uma onça. Na India ingleza, onde o seu preço varia muito, em razão da grande procura, tem um consumo extraordinario, e quando escasseiam no mercado sobem a um valor fabuloso.

Emprega-se muita gente na procura e apanha d'estes ninhos, mas sempre tem cuidado de fazer tal colheita depois da epocha da criação, finda a qual regressam as salanganas para o sertão até á primavera seguinte.

Os chinezes dedicam-se muito a este commercio, tanto na patria como fóra d'ella, e são os principaes fornecedores dos mercados da India ingleza. Tão grande é a quantidade d'este genero que elles ás vezes alli apresentam, que tem chegado a produzir certa desconfiança sobre a originalidade dos ninhos, havendo quem suspeite que a industria dos chinezes logrou imitar a arte d'aquellas avesinhas. Todavia, as pessoas que tem vivido bastantes annos na India não dão peso a taes suspeitas.

Presentemente faz-se avultada exportação d'estes ninhos para Inglaterra e outros paizes da Europa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O QUE É POESIA

(Vid. pag. 50)

—Liam, minhas senhoras?

—Liamos, para passar o tempo.

—E que lia Mariquita?

—Um livro de poesia, composto por um poeta de Madrid.

—Então quem é o poeta?

—É um homem que todos os annos vae á praça dos toiros bandarilhar um toiro como curioso.

—Póde lá succeder isso! Um poeta bandarilheiro!

—É, sim, mas não bandarilheiro de profissão.

—Se é bandarilheiro não póde ser poeta.

—E por que o conhece?

—Por quê! Porque acerta em consoante tudo o que diz ou escreve.

Tomei o livro que Mariquita conservava na mão, li quatro versos, e como pelo dedo se conhece o gigante, repliquei:

—Nem esse sr. bandarilheiro é poeta, nem n'este livro ha poesia.

—Que ha pois?

—Versos.

—Chame-lhe antes outra coisa.

—E por que lhe hei de chamar?

—Valha-te Deus, Antonio. Pois então poesia e versos não são uma e mesma coisa?

—Não, senhora; póde haver em um livro versos sem haver poesia, e póde haver poesia e não haver versos.

—Então não sei o que são versos.

—Antes de responder-lhe quero fazer-lhe uma pergunta. Quantos vestidos tem agora a Mariquita?

—Eu lhe respondo: decentes só tem dois; um d'elles verde e o outro azul.

—E qual lhe vae melhor?

—O azul. E sabe-o já ella, a vaidosita, que prefere vestir o azul e pôr de lado o verde.

—Pois, minha senhora D. Anna, a poesia só tem dois vestidos decentes; um d'elles é a prosa e o outro o verso: e como com o verso está mais gentil que com a prosa, só gosta de se ver com esse vestido, e não com o outro.

—Mas se os versos não são poesia, e comtudo é com o verso que melhor se veste, que é poesia?

Ao fazer-me Anna esta pergunta, ouvimos para a escada uma voz que dizia:

—Uma esmola por amor de Deus, que não tenho pae nem mãe.

Luiz e Pepito, que se acabavam de convencer de que a cabeça do famoso socialista não tinha nada dentro, lançaram-se a correr para a escada.

—Mamã, é uma menina que está roendo um osso. Ai, que nojo!

—Dize-lhe que entre.

Com effeito, uma criança como de sete annos, quasi nua e roendo um osso, entrou na casa de jantar.

— Minha filha, disse-lhe D. Anna, tirando-lhe o osso e arremessando-o para o quintal, por que estavas roendo isso?

— Porque tinha fome, respondeu a menina, arrazando-se-lhe os olhos d'agua.

— Coitadinha! exclamaram Mariquita e D. Anna.

— D'onde és, menina? accrescentou a segunda.

— De uma terra visinha.

— E tens paes?

— Não tenho pae nem mãe, porque morreram do cholera.

— Filha da minha alma! exclamou D. Anna chorando tambem e beijando a pobre criança sem reparar nos vestidos esfarrapados e sujos que a cobriam. Por que não chamaria Deus para si esta infeliz quando os paes se foram d'este mundo? Corta-me o coração ver esta miseria!

Assim declamando, D. Anna correu á cozinha, e dando cada suspiro que se ouvia na casa de jantar, em um abrir e fechar d'olhos preparou um tachinho de sopas com o melhor caldo da panella, e trouxe-o á menina, com um bom pedaço de carne e um alvissimo pão.

Em quanto a menina comia, D. Anna procurou um vestidinho e outras prendas que na edade de oito annos deixára Mariquita, quasi novas, porque lhe estavam já pequenas, e assim que a orphã comeu a sua ração, lavou-lhe o rosto, trocou-lhe os farrapos por aquella roupa, e despediu-a enchendo-a de caricias.

— Voltando á nossa *contenda*, disse-me, que é poesia?

— Poesia, respondi, é... são essas lagrimas que ainda lhe vejo borbulhar nos olhos, esses suspiros que ainda se lhe soltam do peito, isso que ainda sente no coração pelo bem que praticou.

— Ah! murmurou D. Anna principiando a comprehender alguma coisa do que eu começava a explicar-lhe praticamente.

III

— Mamã, quando está prompto o jantar? Eu queria comer, mamã, diziam Luiz e Pepito andando em volta da mãe.

— Tenham paciencia, que já lá vamos. Que diachos de rapazes, perdôe-me Deus!

Anna deixou a costura, foi para a cozinha fazer em meu obsequio uma das habilidades que reservava para os dias de gala, e eu fui dar uma volta pelo quintal, onde estive conversando com um rapaz loiro, que trabalhava em outro quintal separado do de Pepe por um muro que me chegava ao peito.

Figurou-se-me pouco depois que Luiz e Pepito brigavam ao murro junto da escada do quintal, e corri alli para erguer a bandeira da paz entre os rixosos. Os rixosos, a quem sua mãe mandára que me avisassem para jantar, começaram aos pescoções sobre qual havia de ir primeiro.

Ao subir para a casa de jantar, encontrei-me com a mesa mais *poetica* que na aldeia tenho visto. Os talheres eram de buxo e os pratos de fabrica nacional, mas eram novos! que alvura de toalha e de guardanapos! e que lindos cestos de variados e formosos fructos! e que ramilhetes de flores nos angulos da mesa! e que admiravel e delicado gosto na collocação de tudo!

— D. Anna! disse, e é v. quem me pergunta o que é poesia?

— E ainda repito a pergunta, porque s.ª não dignou responder-me como devia.

— Poesia é isto que temos diante dos olhos.

— Poesia é a mesa? Não zombe...

— A mesa, e sobre tudo o que inspirou a v. ex.ªs esta delicadeza, estes primores domesticos.

— Notaveis primores, não ha dúvida! Que tem que ver a poesia com que gostemos das flores naturaes e bellas, dos fructos sazonados e formosos, e dos guardanapos bem lavados e engommados?

— Pois a poesia está n'esse gosto, no gosto delicado...

— Ai, que rico sabor tem este! disse Pepito cravando os dentes em um formoso damasco.

— E a poesia tambem está nos damascos? accrescentou o irmão abrindo um.

— Tambem está, meu menino, respondi sorrindo-me.

— Maldoso! este só tem caroço! replicou-me Luiz.

Rimo-nos com esta saída de Luiz, e começámos a jantar alegremente, não sem que D. Anna interrompesse com frequencia a conversação com um: «Se o meu Pepe terá jantado a esta hora?» Ou um: «Onde terá jantado hoje?» Ou um: «Valha-me Deus! como terá passado estes dias aquelle pobre homem, acostumado ao conforto de sua casa!» Ternas lembranças e doces inquietações em que, como disse a D. Anna, havia mais poesia que nos versos de todos os bandarilheiros do mundo!

Estava a sobremesa em meio, quando os meninos, que se tinham já levantado com licença de sua mãe, e estavam á janella da casa de jantar, começaram a gritar com alegria: «Ó tio Bailén! tio Bailén! Mamã, dize ao tio Bailén que suba para nos contar contos de soldados.»

D. Anna chegou á janella e disse a um ancião que passava pela rua:

— Tio Bailén, não quer vossemecê subir para beber uma gota de bom vinho?

— Ahi vou, minha senhora, respondeu o ancião, porque o hespanhol nunca se negou a uma gota e a um cigarro... Ahi vou!

Em quanto o velho subia, referiu-me D. Anna que lhe chamavam tio Bailén porque o seu maior prazer era contar o que se passára na batalha do mesmo nome, onde recebêra uma ferida, de que resultára ficar cego. Com effeito, o tio Bailén só via com os olhos da alma. Deus nol-os conserve a todos!

D. Anna encheu-lhe um copo de excellente vinho, e eu um cigarro de excellente tabaco.

— Está bom este vinho, disse o pobre cego, porém já o bebi melhor. Em Bailén, quando vencemos Dupont. Estava eu com uma ferida na cabeça, pedindo por todos os santos dos reinos do ceo um copo d'agua, quando passou o general Castaños, e com a sua propria mão me encheu um copo de vinho, e m'o deu misturado com duas lagrimas que lhe saltaram dos olhos ao ver-me com uma bala na cabeça. Aquillo é que era vinho, louvado seja Bacho!

— Vamos, tio Bailén, conte-nos então o que se passou n'aquelle dia.

O veterano apressou-se em satisfazer a D. Anna. Aquelle dia de gloria, em que trinta mil veteranos francezes renderam as armas aos pés de vinte mil recrutas hespanhoes, famintos, esfarrapados e quasi inermes, porém inflammados pelo santo amor da patria e pela recordação da traição e da iniquidade que tinham acompanhado os invasores desde o Vidasoa até ao Manzanares; aquelle dia de gloria era pintado pelo veterano com tão vivas côres e com tal enthusiasmo, que o nosso coração batia violentamente, e as lagrimas escaldavam as nossas faces assim como as do narrador.

— D. Anna, disse eu, sente-se agora alguma coisa do que sentimos quando lemos o livro que o bandarilheiro compoz?

— Não se sente, com effeito.

— Pois a differença está em que n'aquelle livro só ha versos, e no que refere esse ancião só ha poesia.

Levantámo-nos da mesa, e iamos a descer para o quintal, quando D. Anna parou exclamando:

leões, capitaneadas pelo Gama, dão as velas ao vento e singram para o Oriente.

Tributa o rei de Quilôa, contrata paz e amizade em Cochim e Cananor, inflige severissimo castigo ao rei e cidade de Calecut, recebe embaixadas de diversos principes, e, coberto de gloria, vem entrar no Tejo, entregando a el-rei o oiro de Quilôa, que, fabricado em monumental custodia, é offerecido pelo venturoso monarcha ao mosteiro de Santa Maria de Belem.

Contempla a Europa em extatica admiração o espectaculo que offerece um tão pequeno povo; pequeno contado o numero de individuos que o compõe, grande pelo valor e audacia que provam nos arrojados commettimentos.

Só o turco sobresaltado padece desde logo as terriveis consequencias de tal descobrimento. Só a senhoria de Veneza experimenta o golpe profundo que lhe descarregâmos no seu commercio. Por isso a Turquia e Veneza, dando as mãos mais uma vez, ligam-se agora contra os portuguezes na India. Iam estes alargando as relações com estender o conhecimento, com ganhar a affeição dos naturaes, e com desempenhar lealmente os compromissos contrahidos. Mas, se alcançáramos o respeito que impõe a força estacionada n'aquellas paragens, faltava ainda, e faltava sensivelmente alli, a força que deriva da auctoridade, a força que, partindo de um centro, se irradia para todos os pontos, e a todos os pontos alcança, illumina e dirige.

Vale muito o braço que fere, mais vale ainda a cabeça que dirige. É essencial mandar, á India não, mas para a India, um homem que por todos pense e a todos governe. Medita o rei na melindrosa escolha d'aquelle que deve ser delegado seu e seu representante. Entre milhares de guerreiros, entre centenas de heroes, mal se compadece preferencia que não venha do acaso. Entretanto o rei medita, e, fitando a vista em D. Francisco de Almeida, designa-o e elege-o para tão ardua missão, e com o titulo de vice-rei o envia á India. É D. Francisco o astro ao qual volvemos admirados o pensamento; é o astro que admirâmos cercado pela brilhante auréola formada por todos os nobres portuguezes, que cada dia mais se nobilitam no Oriente.

Seguido por vinte e uma velas, navega para a India o nobre Almeida, e, mal tem passado o cabo da Boa Esperança, em Quilôa e Mombaça, substituindo o rei, recebendo pareas e levantando fortalezas, assignala a sua chegada ao Oriente, onde o antecede a fama bem merecida dos seus feitos e victorias. Companheiro e mais que amigo, o bravo D. Lourenço, filho estremecido do vice-rei, é o Hercules portuguez, cujo nome guarda a historia e conserva a tradição em honrada memoria.

Chegam á India, constroem fortalezas em Cochim, Angediva e Cananor. D. Lourenço descobre Ceylão, acompanha e comboya as naus de Cochim, e, quando descançado repoisa no rio de Chaul, é improvisamente accommettido pelas forças combinadas do turco e dos reis de Cambaya e Calecut. E de força são taes navios, que cuidam os illudidos portuguezes ver n'elles as naus do reino esperadas n'essa monção.

Não vale, porém, muito aos infieis a surpreza com que os nossos foram colhidos. Responde ao atrevimento dos infieis o valor portuguez, e resgata a heroicidade na peleja o descuidado nos apercebimentos para a lucta. Desegual pela inferioridade numerica dos nossos combatentes, dos nossos canhões e dos nossos navios, ainda assim conquista a espada portugueza loiros, que bem depressa hão de trocar-se em cyprestes. Esgotam-se as munições no combate, que, por traição ou receio, deixou de travar-se braço a braço. Aprezados alguns navios do inimigo, vinda a noite, concertam-se os nossos para a pugna no seguinte dia.

Apesar de novos soccorros e reforços, mais não ousam os contrarios do que esperar pelo combate. Não se fez esperar; que, mal sopra o vento de feição, os nossos, desferindo as velas, manobram procurando abordar a esquadra de Mir-Hocem. A nau de D. Lourenço, mentindo a virar, é levada pela forte corrente de vasante para sobre uma estacada, contra a qual se encosta e ameaça de soçobrar. Instam com o capitão-mór para passar a outro navio. Não o conseguem, porque D. Lourenço quer ser o ultimo a deixar a nau, e não ha bateis nem esquifes para conduzir toda a tripulação. Os outros navios, havendo antes seguido o capitão-mór, quando chegam a surgir é em tal distancia d'elle, que não podem vencer a impetuosidade da corrente para d'elle se acercarem, nem com os navios, nem com os bateis.

Posto em tão grande aperto, a nau de D. Lourenço é rijamente accommettida. Crivada de balas, completamente alagada e assente no fundo, continúa ainda a vomitar a destruição dos inimigos, que se succedem e substituem mais promptamente do que a morte os colhe e arrebata no furor da lucta. E a bandeira do capitão-mór só desce da gavea quando uma bala, levando as duas pernas a D. Lourenço, deixa a nau accommettida de toda a força da armada inimiga, defendida apenas por 24 portuguezes — por 24 heroes! Entregam-se elles a Melequiaz, que não aos rumes, e, quando os inimigos entram no destroçado navio, só encontram restos de christãos. Cada gavea é tão acanhada sepultura para os mortos alli accumulados, como a nau é vasto cemiterio. Á entrada do rio se demora a nossa armada, mas não se atrevem os contrarios a investil-a, tão pouco se julgam vencedores, tanto se arreceiam d'aquelles a quem só a força do destino fez que deixassem de vencer.

Quem levará a triste nova ao vice-rei? Urge dar-lhe prestemente noticia do infausto successo. A sorte, designando a Camacho, o obriga a navegar para Cochim. Entretanto adivinhára presago o coração de D. Francisco a morte de seu filho quando viu voltarem sem elle as naus de Cochim e Cananor. Sereno espera a caravela que já se avista. Chega Camacho, e como a occasião é de luctos e tristezas, não de alegrias e festas, passa a fortaleza sem a saudar, e, desembarcando, vae ante o vice-rei, que o recebe grave, mas tranquillo. Estremece Camacho ao aspecto venerando de D. Francisco, o qual, recalcando no peito as ancias de pae extremoso para só deixar apparecer o vice-rei da India, mais severo que urbano, lhe pergunta: «Por que não salvastes á fortaleza, que não é do pae do morto, mas del-rei de Portugal?» Debulhado em prantos, pretende Camacho justificar-se com sentidos lamentos, que sirvam de conforto ao pae que forceja por não parecel-o. «Ora vos ide a descançar, e mandae á caravela que faça sua costumada salva, e eu mandarei na egreja fazer signal pelo defuncto; e o mais deixae, porque quem o frangão comeu ha de comer o gallo ou pagal-o.» Isto responde o nobre Almeida, e nobremente cumpre tal promessa. Só ella o retem na India.

Espera as naus do reino, e, mal que chegam, veleja para onde a vingança o impelle e a gloria o aguarda. De caminho para Diu, entra em Dabul, espalha a desolação e terror, entregando ao fogo o que se livra da espada; chega a Bombaim, e d'alli, por seguro portador, envia o leal D. Francisco uma carta a Melequiaz, governador de Diu, prevenindo-o de que o vae atacar. Não quer o illustre Almeida que digam moiros que o vice-rei vencêra por surpreza. Despreza tal soccorro, e, fundeando ante a forte e opulenta cidade, prestes se prepara para um combate que deve decidir do nosso futuro n'aquelles mares.

Ajudado de todo o mauritano poder no Oriente, sae Mir-Hocem de Diu, e, fazendo pomposo alardo das suas forças, larga ancora toda a armada bem junto á terra.

Confiados na superioridade que dá o numero, são os moiros descançados, e passam em gritas e prazeres a noite que antecede o combate, e que para a mór parte d'elles é vespera da eternidade.

A pique esperam os nossos pela viração. Tão depressa ella enruga as vagas, como afanosamente é aproveitada nos traquetes, e as naus vão dar fortemente sobre os moiros.

Trava-se rija a peleja, disputa-se enfurecido o combate. Não é lucta, mas encontro de furor, que alli se vê na sanha com que obstinadamente se perseguem os contrarios. De um e outro lado comprehendem que vae ser decisivo este duello. De um e outro lado succedêra á inimizade o odio, ao odio o rancor.

Celebre nos fastos da historia maritima, por ser a primeira batalha naval dos tempos modernos, dada segundo as regras de um bem formado plano de tactica, servirá de doirada pagina, em que as futuras gerações leiam a historia de um grande heroe e de um grande povo.

Suppre a coragem, o esforço, a ousadia, o atrevimento, a ardidez, onde rareia o numero. Acossados por toda a parte, mas por toda a parte multiplicando-se, como que subdividindo-se, e a toda a parte acudindo, cede, recúa, foge e é desbaratado o inimigo, que para salvar-se procura a terra. Com o seu chefe, internam-se e desapparecem os contrarios, para não mais voltarem á India, deixando a armada em despojo e testimunho da victoria solemne alcançada pelo vice-rei D. Francisco de Almeida no sempre memoravel dia 3 de fevereiro de 1508.

Entrega Melequiaz os 24 captivos que recolhêra da nau de D. Lourenço; mais entrega, com largas indemnisações de guerra, os moiros que se encontram na cidade, e alli offerece ao vice-rei que levante fortaleza. Mas D. Francisco entende, como Themistocles entendia e repetia aos gregos, que para ser grande em terra mais preciso era ser grande no mar. Volta Almeida a Cochim, depõe o governo da India, e ao regressar á patria, venerado pelos amigos, temido e admirado pelos contrarios, entra na aguada do Saldanha para morrer morte ingloria e mesquinha em miseravel contenda. E assim, e ás mãos de um selvagem negro, morre um dos mais esclarecidos varões que floresceram no seculo XVI.

(Continúa) ANTONIO FILIPPE MARX DE SORL.

O patriotismo póde inspirar a poesia; póde aviventar o estilo; mas é o pessimo conselheiro do historiador. Quantas vezes, levado de tão mau guia, elle vê os factos através do prisma das preoccupações nacionaes, e nem sequer suspeita que o mundo se rirá, não só d'elle, o que pouco importára, mas tambem da credulidade e ignorancia do seu paiz, o qual deshonrou, crendo exaltal-o! Dos que por má fé assim procedem, não fallo. Esses lisongeiros das multidões são tão abjectos como os lisongeiros dos reis, quando os reis eram os dispensadores das reputações e das recompensas. ALEXANDRE HERCULANO.

A COLONIA PORTUGUEZA DE MOSSAMEDES

(Vid. pag. 45)

IV

Saíndo do governo da colonia o sr. conselheiro Antonio Sergio de Sousa, foi nomeado para alli o sr. Carlos Frederico Botelho de Vasconcellos, capitão-tenente da armada.

A administração d'este official tornou-se notavel, pois que não só desenvolveu rigorosa e severa fiscalisação sobre os rendimentos da colonia e sobre os objectos da fazenda nacional, que n'aquella epocha eram escassissimos, mas tambem conseguiu, de accordo com o governo geral da provincia, e tendo para isso recebido as necessarias ordens do governo da metropole, que cessassem os abonos que os colonos recebiam, e que, alimentando a ociosidade de muitos d'elles, atrazavam consideravelmente o desenvolvimento dos trabalhos agricolas.

A protecção official, n'este, como em outros casos, em vez de ser util aos colonos, e ás industrias que elles exerciam ou podiam exercer, servia tão sómente, pelo que se viu, de lhes crear difficuldades e de entorpecer a marcha progressiva de Mossamedes. Julgando-se ao abrigo da miseria pelo que o governo lhes dava, os novos povoadores descuidavam-se da agricultura, e acreditavam provavelmente que encontrariam na propria natureza, sem o auxilio do trabalho humano, os recursos de que carecessem. Faltando, porém, o subsidio, os colonos desilludiram-se, e viram que era preciso tratar mais solicitamente do grangeio dos terrenos que lhes tinham sido concedidos e cuidar de outras industrias necessarias á vida. Foi o que effectivamente succedeu.

N'estas circunstancias veiu tomar conta do governo de Mossamedes o sr. Fernando da Costa Leal, capitão do exercito. Era por março de 1854. A população do districto compunha-se então do seguinte: — 256 brancos, 29 pardos ou mulatos, 135 libertos, 481 escravos e 78:320 indigenas; total, 79:221 habitantes.

Assim como temos feito justiça a outros governadores que administraram bem a colonia, ou como poderam, attentas as contrariedades que acompanham a fundação de um estabelecimento, não deixaremos tambem de mencionar devidamente a administração do sr. Leal, que se assignalou por muitas razões, e sobre tudo pelos beneficios reaes que lhe deve o districto. Além de obter desde logo a concessão de novos e importantes tractos de terra e libertos para os colonos, que se iam animando e entregando mais desassombradamente aos trabalhos da lavoira [1], de preferencia a outros, protegeu sempre com energia os povoadores contra as incursões e assaltos do gentio, que, não podendo tolerar as feitorias dos brancos, procurava todas as occasiões e todos os pretextos para os aggredir e prejudicar. Uma das mais famosas d'estas incursões foi a dos mu-nanos, que, na verdade, causaram grandes damnos aos estabelecimentos, mas tambem padeceram rigorosa perseguição.

O sr. Leal, pouco depois de assumir a administração do districto, mandou construir a egreja, sob a invocação de Santo Adrião, e a casa do parocho, que se vêem representadas na gravura, e são cópia da excellente collecção de aguarellas que possue o mesmo cavalheiro. Começados em 1855, por iniciativa e sob o plano e direcção pessoal do zeloso governador, os indicados edificios, achavam-se promptos em 1857, consumindo-se dois annos e meio na construcção.

Constam estes edificios: do corpo da egreja, onde ha dois altares lateraes, resguardados por uma teia de balaustres; da capella-mór, com um altar e tecto de abobada; do côro, sacristia e vivenda do parocho, a qual tem communicação com a egreja; e das torres, em uma das quaes ha escada de madeira que dá accesso para o côro.

As dimensões da egreja são: corpo, 9^{m} de largura, $16^{m},5$ de comprimento e 11^{m} de pé direito; capella-

[1] No relatorio do sr. visconde de Sá da Bandeira, apresentado ás camaras em 1859, e que vem citado no artigo de Mossamedes inserto no vol. IV do *Archivo Pittoresco*, pag. 163, ler-se-ha o seguinte:

«...os progressos da agricultura de Mossamedes tem ido em successivo augmento, particularmente depois que a pratica tem feito conhecer que as especulações commerciaes nem sempre são tão proficuas como as do amanho das terras; o resultado d'estas foi o estabelecerem-se já tres engenhos de assucar, um na villa de Mossamedes, outro no Bumbo, devendo assentar-se o terceiro no sitio da Bella-Vista...»

leões, capitaneadas pelo Gama, dão as velas ao vento e singram para o Oriente.

Tributa o rei de Quilôa, contrata paz e amizade em Cochim e Cananor, inflige severissimo castigo ao rei e cidade de Calecut, recebe embaixadas de diversos principes, e, coberto de gloria, vem entrar no Tejo, entregando a el-rei o oiro de Quilôa, que, fabricado em monumental custodia, é offerecido pelo venturoso monarcha ao mosteiro de Santa Maria de Belem.

Contempla a Europa em extatica admiração o espectaculo que offerece um tão pequeno povo; pequeno contado o numero de individuos que o compõe, grande pelo valor e audacia que provam nos arrojados commettimentos.

Só o turco sobresaltado padece desde logo as terriveis consequencias de tal descobrimento. Só a senhoria de Veneza experimenta o golpe profundo que lhe descarregâmos no seu commercio. Por isso a Turquia e Veneza, dando as mãos mais uma vez, ligam-se agora contra os portuguezes na India. Iam estes alargando as relações com estender o conhecimento, com ganhar a affeição dos naturaes, e com desempenhar lealmente os compromissos contrahidos. Mas, se alcançáramos o respeito que impõe a força estacionada n'aquellas paragens, faltava ainda, e faltava sensivelmente alli, a força que deriva da auctoridade, a força que, partindo de um centro, se irradia para todos os pontos, e a todos os pontos alcança, illumina e dirige.

Vale muito o braço que fere, mais vale ainda a cabeça que dirige. É essencial mandar, á India não, mas para a India, um homem que por todos pense e a todos governe. Medita o rei na melindrosa escolha d'aquelle que deve ser delegado seu e seu representante. Entre milhares de guerreiros, entre centenas de heroes, mal se compadece preferencia que não venha do acaso. Entretanto o rei medita, e, fitando a vista em D. Francisco de Almeida, designa-o e elege-o para tão ardua missão, e com o titulo de vice-rei o envia á India. É D. Francisco o astro ao qual volvemos admirados o pensamento; é o astro que admirâmos cercado pela brilhante auréola formada por todos os nobres portuguezes, que cada dia mais se nobilitam no Oriente.

Seguido por vinte e uma velas, navega para a India o nobre Almeida, e, mal tem passado o cabo da Boa Esperança, em Quilôa e Mombaça, substituindo o rei, recebendo pareas e levantando fortalezas, assignala a sua chegada ao Oriente, onde o antecede a fama bem merecida dos seus feitos e victorias. Companheiro e mais que amigo, o bravo D. Lourenço, filho estremecido do vice-rei, é o Hercules portuguez, cujo nome guarda a historia e conserva a tradição em honrada memoria.

Chegam á India, constroem fortalezas em Cochim, Angediva e Cananor. D. Lourenço descobre Ceylão, acompanha e comboya as naus de Cochim, e, quando descançado repoisa no rio de Chaul, é improvisamente accommettido pelas forças combinadas do turco e dos reis de Cambaya e Calecut. É de força são taes navios, que cuidam os illudidos portuguezes ver n'elles as naus do reino esperadas n'essa monção.

Não vale, porém, muito aos infieis a surpreza com que os nossos foram colhidos. Responde ao atrevimento dos infieis o valor portuguez, e resgata a heroicidade na peleja o descuidado nos apercebimentos para a lucta. Desegual pela inferioridade numerica dos nossos combatentes, dos nossos canhões e dos nossos navios, ainda assim conquista a espada portugueza loiros, que bem depressa hão de trocar-se em cyprestes. Esgotam-se as munições no combate, que, por traição ou receio, deixou de travar-se braço a braço. Aprezados alguns navios do inimigo, vinda a noite, concertam-se os nossos para a pugna no seguinte dia.

Apesar de novos soccorros e reforços, mais não ousam os contrarios do que esperar pelo combate. Não se fez esperar; que, mal sopra o vento de feição, os nossos, desferindo as velas, manobram procurando abordar a esquadra de Mir-Hocem. A nau de D. Lourenço, mentindo a virar, é levada pela forte corrente de vasante para sobre uma estacada, contra a qual se encosta e ameaça de soçobrar. Instam com o capitão-mór para passar a outro navio. Não o conseguem, porque D. Lourenço quer ser o ultimo a deixar a nau, e não ha bateis nem esquifes para conduzir toda a tripulação. Os outros navios, havendo antes seguido o capitão-mór, quando chegam a surgir é em tal distancia d'elle, que não podem vencer a impetuosidade da corrente para d'elle se acercarem, nem com os navios, nem com os bateis.

Posto em tão grande aperto, a nau de D. Lourenço é rijamente accommettida. Crivada de balas, completamente alagada e assente no fundo, continúa ainda a vomitar a destruição dos inimigos, que se succedem e substituem mais promptamente do que a morte os colhe e arrebata no furor da lucta. E a bandeira do capitão-mór só desce da gavea quando uma bala, levando as duas pernas a D. Lourenço, deixa a nau accommettida de toda a força da armada inimiga, defendida apenas por 24 portuguezes — por 24 heroes! Entregam-se elles a Melequiaz, que não aos rumes, e, quando os inimigos entram no destroçado navio, só encontram restos de christãos. Cada gavea é tão acanhada sepultura para os mortos alli accumulados, como a nau é vasto cemiterio. Á entrada do rio se demora a nossa armada, mas não se atrevem os contrarios a investil-a, tão pouco se julgam vencedores, tanto se arreceiam d'aquelles a quem só a força do destino fez que deixassem de vencer.

Quem levará a triste nova ao vice-rei? Urge dar-lhe prestemente noticia do infausto successo. A sorte, designando a Camacho, o obriga a navegar para Cochim. Entretanto adivinhára presago o coração de D. Francisco a morte de seu filho quando viu voltarem sem elle as naus de Cochim e Cananor. Sereno espera a caravela que já se avista. Chega Camacho, e como a occasião é de luctos e tristezas, não de alegrias e festas, passa a fortaleza sem a saudar, e, desembarcando, vae ante o vice-rei, que o recebe grave, mas tranquillo. Estremece Camacho ao aspecto venerando de D. Francisco, o qual, recalcando no peito as ancias de pae extremoso para só deixar apparecer o vice-rei da India, mais severo que urbano, lhe pergunta: «Por que não salvastes á fortaleza, que não é do pae do morto, mas del-rei de Portugal?» Debulhado em prantos, pretende Camacho justificar-se com sentidos lamentos, que sirvam de conforto ao pae que forceja por não parecel-o. «Ora vos ide a descançar, e mandae á caravela que faça sua costumada salva, e eu mandarei na egreja fazer signal pelo defuncto; e o mais deixae, porque quem o frangão comeu ha de comer o gallo ou pagal-o.» Isto responde o nobre Almeida, e nobremente cumpre tal promessa. Só ella o retem na India.

Espera as naus do reino, e, mal que chegam, veleja para onde a vingança o impelle e a gloria o aguarda. De caminho para Diu, entra em Dabul, espalha a desolação e terror, entregando ao fogo o que se livra da espada; chega a Bombaim, e d'alli, por seguro portador, envia o leal D. Francisco uma carta a Melequiaz, governador de Diu, prevenindo-o de que o vae atacar. Não quer o illustre Almeida que digam moiros que o vice-rei vencêra por surpreza. Despreza tal soccorro, e, fundeando ante a forte e opulenta cidade, prestes se prepara para um combate que deve decidir do nosso futuro n'aquelles mares.

Ajudado de todo o mauritano poder no Oriente, sae Mir-Hocem de Diu, e, fazendo pomposo alardo das suas forças, larga ancora toda a armada bem junto á terra.

Confiados na superioridade que dá o numero, são os moiros descançados, e passam em gritas e prazeres a noite que antecede o combate, e que para a mór parte d'elles é vespera da eternidade.

A pique esperam os nossos pela viração. Tão depressa ella enruga as vagas, como afanosamente é aproveitada nos traquetes, e as naus vão dar fortemente sobre os moiros.

Trava-se rija a peleja, disputa-se enfurecido o combate. Não é lucta, mas encontro de furor, que alli se vê na sanha com que obstinadamente se perseguem os contrarios. De um e outro lado comprehendem que vae ser decisivo este duello. De um e outro lado succedêra á inimizade o odio, ao odio o rancor.

Celebre nos fastos da historia maritima, por ser a primeira batalha naval dos tempos modernos, dada segundo as regras de um bem formado plano de tactica, servirá de doirada pagina, em que as futuras gerações leiam a historia de um grande heroe e de um grande povo.

Suppre a coragem, o esforço, a ousadia, o atrevimento, a ardidez, onde rareia o numero. Acossados por toda a parte, mas por toda a parte multiplicando-se, como que subdividindo-se, e a toda a parte acudindo, cede, recúa, foge e é desbaratado o inimigo, que para salvar-se procura a terra. Com o seu chefe, internam-se e desapparecem os contrarios, para não mais voltarem á India, deixando a armada em despojo e testimunho da victoria solemne alcançada pelo vice-rei D. Francisco de Almeida no sempre memoravel dia 3 de fevereiro de 1508.

Entrega Melequiaz os 24 captivos que recolhêra da nau de D. Lourenço; mais entrega, com largas indemnisações de guerra, os moiros que se encontram na cidade, e alli offerece ao vice-rei que levante fortaleza. Mas D. Francisco entende, como Themistocles entendia e repetia aos gregos, que para ser grande em terra mais preciso era ser grande no mar. Volta Almeida a Cochim, depõe o governo da India, e ao regressar á patria, venerado pelos amigos, temido e admirado pelos contrarios, entra na aguada do Saldanha para morrer morte ingloria e mesquinha em miseravel contenda. E assim, e ás mãos de um selvagem negro, morre um dos mais esclarecidos varões que floresceram no seculo XVI.

(Continúa) ANTONIO FILIPPE MARX DE SORI.

O patriotismo póde inspirar a poesia; póde aviventar o estilo; mas é o pessimo conselheiro do historiador. Quantas vezes, levado de tão mau guia, elle vê os factos através do prisma das preoccupações nacionaes, e nem sequer suspeita que o mundo se rirá, não só d'elle, o que pouco importára, mas tambem da credulidade e ignorancia do seu paiz, o qual deshonrou, crendo exaltal-o! Dos que por má fé assim procedem, não fallo. Esses lisongeiros das multidões são tão abjectos como os lisongeiros dos reis, quando os reis eram os dispensadores das reputações e das recompensas. ALEXANDRE HERCULANO.

A COLONIA PORTUGUEZA DE MOSSAMEDES

(Vid. pag. 45)

IV

Saindo do governo da colonia o sr. conselheiro Antonio Sergio de Sousa, foi nomeado para alli o sr. Carlos Frederico Botelho de Vasconcellos, capitão-tenente da armada.

A administração d'este official tornou-se notavel, pois que não só desenvolveu rigorosa e severa fiscalisação sobre os rendimentos da colonia e sobre os objectos da fazenda nacional, que n'aquella epocha eram escassissimos, mas tambem conseguiu, de accordo com o governo geral da provincia, e tendo para isso recebido as necessarias ordens do governo da metropole, que cessassem os abonos que os colonos recebiam, e que, alimentando a ociosidade de muitos d'elles, atrazavam consideravelmente o desenvolvimento dos trabalhos agricolas.

A protecção official, n'este, como em outros casos, em vez de ser util aos colonos, e ás industrias que elles exerciam ou podiam exercer, servia tão sómente, pelo que se viu, de lhes crear difficuldades e de entorpecer a marcha progressiva de Mossamedes. Julgando-se ao abrigo da miseria pelo que o governo lhes dava, os novos povoadores descuidavam-se da agricultura, e acreditavam provavelmente que encontrariam na propria natureza, sem o auxilio do trabalho humano, os recursos de que carecessem. Faltando, porém, o subsidio, os colonos desilludiram-se, e viram que era preciso tratar mais solicitamente do grangeio dos terrenos que lhes tinham sido concedidos e cuidar de outras industrias necessarias á vida. Foi o que effectivamente succedeu.

N'estas circunstancias veiu tomar conta do governo de Mossamedes o sr. Fernando da Costa Leal, capitão do exercito. Era por março de 1854. A população do districto compunha-se então do seguinte: — 256 brancos, 29 pardos ou mulatos, 135 libertos, 481 escravos e 78:320 indigenas; total, 79:221 habitantes.

Assim como temos feito justiça a outros governadores que administraram bem a colonia, ou como poderam, attentas as contrariedades que acompanham a fundação de um estabelecimento, não deixaremos tambem de mencionar devidamente a administração do sr. Leal, que se assignalou por muitas razões, e sobre tudo pelos beneficios reaes que lhe deve o districto. Além de obter desde logo a concessão de novos e importantes tractos de terra e libertos para os colonos, que se iam animando e entregando mais desassombradamente aos trabalhos da lavoira [1], de preferencia a outros, protegeu sempre com energia os povoadores contra as incursões e assaltos do gentio, que, não podendo tolerar as feitorias dos brancos, procurava todas as occasiões e todos os pretextos para os aggredir e prejudicar. Uma das mais famosas d'estas incursões foi a dos mu-nanos, que, na verdade, causaram grandes damnos aos estabelecimentos, mas tambem padeceram rigorosa perseguição.

O sr. Leal, pouco depois de assumir a administração do districto, mandou construir a egreja, sob a invocação de Santo Adrião, e a casa do parocho, que se vêem representadas na gravura, e são cópia da excellente collecção de aguarellas que possue o mesmo cavalheiro. Começados em 1855, por iniciativa e sob o plano e direcção pessoal do zeloso governador, os indicados edificios, achavam-se promptos em 1857, consumindo-se dois annos e meio na construcção.

Constam estes edificios: do corpo da egreja, onde ha dois altares lateraes, resguardados por uma teia de balaustres; da capella-mór, com um altar e tecto de abobada; do côro, sacristia e vivenda do parocho, a qual tem communicação com a egreja; e das torres, em uma das quaes ha escada de madeira que dá accesso para o côro.

As dimensões da egreja são: corpo, 9^m de largura, $16^m,5$ de comprimento e 11^m de pé direito; capella-

[1] No relatorio do sr. visconde de Sá da Bandeira, apresentado ás camaras em 1859, e que vem citado no artigo de Mossamedes inserto no vol. IV do *Archivo Pittoresco*, pag. 163, ler-se-ha o seguinte:

«...os progressos da agricultura de Mossamedes tem ido em successivo augmento, particularmente depois que a pratica tem feito conhecer que as especulações commerciaes nem sempre são tão proficuas como as do amanho das terras; o resultado d'estas foi o estabelecerem-se já tres engenhos de assucar, um na villa de Mossamedes, outro no Bumbo, devendo assentar-se o terceiro no sitio da Bella-Vista...»

mór, 5^m de largura, 7^m de comprimento e 9^m de altura; torres, 19^m de altura e 4^m de largura. Ambos os edificios são cobertos de telha, e formam em planta uma perfeita cruz.

N'aquella epocha, a egreja era o edificio publico mais notavel que havia em a nova colonia [1]. Antes, porém, de se acabar esta construcção, Mossamedes foi elevada á cathegoria de villa, creando-se o respectivo municipio.

A administração do sr. Leal durou até 1859. Ainda n'este lapso de tempo foram reparados o quartel da tropa e o hospital, sendo necessario requisitar de Loanda medicamentos, roupas, camas de ferro, etc., porque de tudo careciam os pobres doentes, que, pelo que se collige de informações particulares, não encontravam soccorros, nem quem os soccorresse.

Na mesma epocha tambem se deu principio a uma fortaleza no local do antigo forte, debaixo de plano regular, e foi montada a repartição da alfandega. A força militar do districto, que em 1854 constava de uma companhia de linha com 100 praças, quando muito, em 1858 compunha-se já de um batalhão de caçadores com 500 praças.

Não deixaremos ainda de mencionar um dos factos que mais honram o governo do esclarecido funccionario a que nos temos referido. É a visita official que elle fez ao Bumbo e á Huilla, e a fundação de uma nova colonia n'este ultimo ponto. Para alli, effectivamente, mandou logo conduzir seis peças de artilheria e um obuz de campanha com os respectivos reparos, palamenta e munições. Mas não se manifestou só n'isto a actividade e a diligencia do governa-



Egreja de Santo Adrião, em Mossamedes

dor do districto. Viu que era mister proteger a nova colonia contra o barbaro gentio, e activou e dirigiu a construcção de um forte, do quartel para a tropa, do paiol e da casa do chefe; e, ao mesmo tempo, reflectindo que os povoadores só podiam ser alli attrahidos quando soubessem que encontravam o necessario conforto, fez levantar saudaveis habitações para os colonos.

Durante a permanencia do sr. Leal na Huilla, foi tambem alli montada, por incitamento e com auxilio seu, uma azenha para moagem de cereaes, uma olaria, e uma fabrica de cortumes, que ainda actualmente existe, e da qual o proprietario está auferindo razoaveis proventos.

É agradavel ter que registar estes factos em uma epocha em que estamos tão acostumados a ouvir e ler sempre o peior ácerca das coisas do ultramar e dos homens que tem dirigido a administração das diversas colonias, pois que é commum saber-se que os motivos de queixa são muitos e justificados, e os casos de desleixo não menos e censuraveis. Se os beneficios, porém, que mencionámos são reaes, como suppomos que são; e se determinaram, com effeito, em grande parte a prosperidade de Mossamedes, como é notorio, divulguem-se com louvor taes beneficios, para que possam honrar os que são dignos da honra, e para que não esqueçam nunca aos que d'elles necessitavam e mais aproveitaram. Nem se obscureçam com defeitos, que podem ser desculpados, meritos que se não podem contestar. Applicâmos isto com imparcialidade á administração cujos principaes actos esboçámos n'este artigo, e da qual se podem inscrever, sem contestação, bellas paginas nos annaes do districto de Mossamedes.

O que, porém, o zeloso funccionario, a quem nos temos referido, não pôde conseguir, embora não lhe escasseassem a vontade e o animo, foi a occupação dos Gambos. Logo que subjugasse este selvatico povoado, tinha estabelecido o socego em uma parte do importantissimo districto, posto ao abrigo de incursões perigosas as propriedades dos colonos, e animado extraordinariamente o proseguimento da colonisação. Foi tentada a empreza, é certo, mas pouco depois abandonada por falta de gente e de recursos, que requisitou e não poderam dar-lhe. Veremos que mais tarde se não esqueceu do commettimento e o realisou.

(Continúa) B. A.

1 No artigo do *Archivo* citado lê-se:
«Dos poucos edificios publicos que alli se encontram (em 1857), a egreja, uma das melhores da provincia, é indubitavelmente o mais notavel.»

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio